

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, FILOGIA E TEORIA LITERÁRIA

A DESCRIÇÃO DO SINTAGMA PREPOSICIONAL EM
PORTUGUÊS

Marianne Borges Sica

Orientador: Gabriel de Ávila Othero

PORTO ALEGRE

2012

MARIANNE BORGES SICA

A DESCRIÇÃO DO SINTAGMA PREPOSICIONAL EM PORTUGUÊS

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciando em Letras, sob a orientação do Professor Doutor Gabriel de Ávila Othero.

PORTO ALEGRE

2012

*Aos meus pais, Selmar e Laudelina,
que possibilitaram o alcance de mais um sonho.*

Agradecimentos

Agradeço a todos que, de alguma forma, trilharam comigo o caminho até agora.

A todos os meus professores e colegas, pelo conhecimento compartilhado.

À minha família, pelo apoio incondicional e por sempre acreditarem em meu potencial.

Aos meus amigos, por tantos momentos divididos nos dias em que as dificuldades pareciam intransponíveis.

Ao meu orientador, por toda a ajuda, todo o zelo e toda a dedicação que teve no decorrer do desenvolvimento do trabalho. Mas, principalmente, por ter-me incentivado a defender aquilo em que acredito.

“Quando nos questionamos sobre algo, descobrimos que há tanto o que investigar que nunca chegaremos ao limite. Já acreditei e desacreditei em tantas coisas, pelo simples fato de pensar.”

Marianne B. Sica

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo a observação do comportamento dos sintagmas preposicionais em português, bem como apresentar a dificuldade que reside em uma rotulação no que se refere à classe das preposições. Além de analisar as estruturas e as regras sugeridas para a formação de um sintagma preposicional, trabalhamos ainda com uma proposta de descrição e de formação dessas estruturas em língua portuguesa, partindo dos princípios recomendados pela Teoria X-barra.

Palavras-chave: sintagma preposicional; preposição; Teoria X-barra.

Abstract

The intentions of this study are to present an observation of the behavior of prepositional phrases in Portuguese, as well as the difficulty that resides on the labeling of classes of prepositions. Beyond analyzing the structures and rules of formation of prepositional phrases, it is proposed a description of the formation of those structures in Portuguese, assuming principles recommended by X-bar theory.

Key-words: Prepositional Phrase; Prepositions; X-Bar Theory.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	09
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	11
1.1 A TEORIA X-BARRA.....	11
1.2 A PREPOSIÇÃO.....	14
1.3 A LOCUÇÃO PREPOSITIVA.....	16
2. O SINTAGMA PREPOSICIONAL - OS PROBLEMAS DE CLASSIFICAÇÃO DOS SPs.....	19
2.1 LOCUÇÃO PREPOSITIVA <i>versus</i> LOCUÇÃO ADVERBIAL.....	19
2.2 PROBLEMAS DE ROTULAÇÃO EM PERINI (2000).....	21
2.3 ESTUDOS DE PERINI DE 2010.....	23
2.4 ESCLARECENDO: O SINTAGMA E A LOCUÇÃO ADVERBIAL.....	23
2.5 O SP PARA MIRIAM LEMLE (1984).....	25
2.6 O SINTAGMA PREPOSICIONADO PARA SOUZA E SILVA & KOCH.....	27
3. DESCRIÇÃO DO SINTAGMA PREPOSICIONAL.....	29
3.1 OS TIPOS DE SP.....	29
3.2 REGRAS DE REESCRITA DOS SPs.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44

Introdução

Os estudos realizados neste trabalho se fizeram necessários por conta da dificuldade de definição do conceito de **sintagma preposicional (SP)**, tanto a partir de estudos linguísticos como gramaticais. Abordando a questão da rotulação das preposições e dos SPs, buscamos desenvolver uma breve descrição da estrutura dos SPs e de seu funcionamento em português.

Podemos dizer que o eixo norteador desta monografia consiste em analisar o sintagma preposicional com o intuito de descrevê-lo, mas não há como realizar este trabalho sem que seja feito um breve estudo sobre o que leva à discrepância na análise de SPs e de sintagmas adverbiais (SAdvS), segundo as diferentes teoria expostas no trabalho. Dessa forma, não se trata apenas de um estudo interno ao constituinte sintagmático, pois inclui as características oracionais que determinam o uso e a estrutura de um SP.

Buscando estudar o SP a partir dos moldes propostos pela Teoria X-barras, apresentamos Lemle (1984), Lobato (1986), Miotto et al. (2007) e Othero (2009), autores que basearam seus estudos na teoria introduzida originalmente por Chomsky (1970). Ainda como revisão bibliográfica, recorreremos a Luft (2002) e Cunha (2008) para clarificar o que designamos como preposição e, logo, a Lemle (1984) e Luft (2002), lançando a discussão sobre as locuções prepositivas.

A partir dos estudos de Lemle (1984), Souza e Silva & Koch (1987), Perini (2000 e 2010), Cunha (2008) e Othero (2009), iniciamos a discussão sobre o que é e como se estrutura um sintagma preposicional, distinguindo-o de sintagmas de outra natureza, baseando-nos nos princípios da Teoria X-barras e em regras estruturais de formação dos constituintes. Propondo uma breve descrição do sintagma preposicional em português, buscamos em Othero (2009) sete regras de reescrita gramatical do SP, analisando, explicando e exemplificando cada uma, na busca de descobrir se realmente se aplicam ao funcionamento desse sintagma em língua portuguesa.

Temos em consciência que, ao chegarmos ao fim deste trabalho, não teremos uma descrição absoluta, sequer respostas claras sobre o assunto

investigado. Contamos, antes de tudo, com a certeza de que as línguas naturais não são passíveis de descrições indiscutíveis ou de características absolutas. No entanto, este breve estudo está construído em função da necessidade do estudo sobre um assunto que causa tanta divergência entre linguistas e gramáticos da língua portuguesa. Há de servir, se não como fonte para consulta, como princípio de uma investigação, na qual ainda há muito que ser estudado.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo introdutório, o objetivo é trazer algumas definições de teorias e conceitos que serão discutidos nos demais capítulos. Abordaremos, segundo a Teoria X-barras, assuntos que remetem às preposições, aos sintagmas preposicionais e às locuções prepositivas.

1.1 A TEORIA X-BARRA

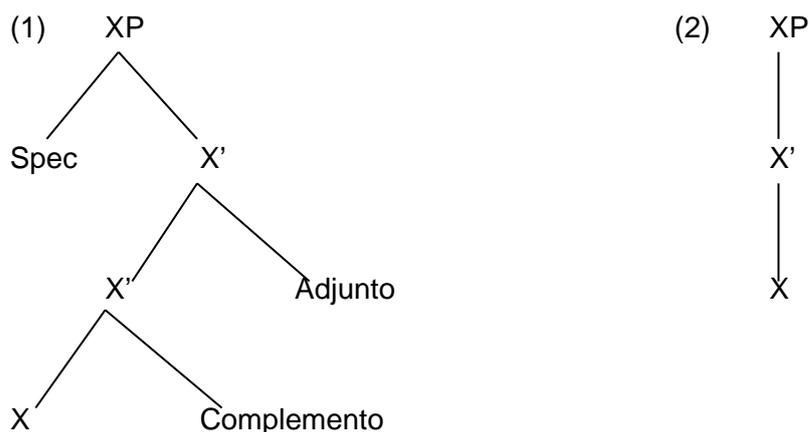
Tendo em vista o esboço de uma descrição do Sintagma Preposicional (SP) a partir da Teoria X-barras, é necessário, num primeiro momento, explicitar os fundamentos dessa teoria. A teoria teve seus primeiros desenvolvimentos com o texto clássico de Chomsky (1970). Posteriormente, teve desenvolvimentos importantes com os trabalhos de Jackendoff (1977), Stowell (1981) e Kornai & Pullum (1990), sendo tomado como um modelo descritivo da gramática que dá conta de regras que originavam discussões quanto ao antigo modelo gerativo.

Em “Remarks on nominalization”, Chomsky adotou a variável X referindo-se às categorias V, N e A, em questão para ele no momento. Utilizando a notação X-barras, faz referência ao nó que domina X imediatamente e seus complementos (Comp). Apenas nos anos 1970, em Van Riemsdijk e em Jackendoff, as preposições passaram a ser consideradas com comportamento semelhante a N, V e A, podendo ser antecedidas de modificadores e seguidas de Comp (complemento). A partir daí, X passou a fazer referência às quatro categorias lexicais (Nome, Verbo, Adjetivo e Advérbio) e a Teoria X-barras vista como um sistema de representação da estrutura sintagmática das sentenças.

A adoção da teoria como notação convencional trouxe a vantagem de possibilitar explicar que, entre as categorias lexicais (N, V, A, P) e as categorias sintagmáticas (SN, SV, SA, SP), existem categorias intermediárias. Além disso, permitiu ainda que se restringissem as regras sintagmáticas de descrição das línguas naturais.

Para Mioto (2007), o fator que torna a Teoria X-barras interessante é “(...) a possibilidade de captar a relação sintática entre os elementos que compõem um constituinte. (p.50)”. Constituinte, para o autor, é a construção que se forma a partir de um núcleo; para essa teoria, o X representa genericamente os núcleos que formam os sintagmas, ou constituintes. Portanto, explicita a natureza dos constituintes, suas relações internas e a organização hierárquica do constituinte na formação da sentença.

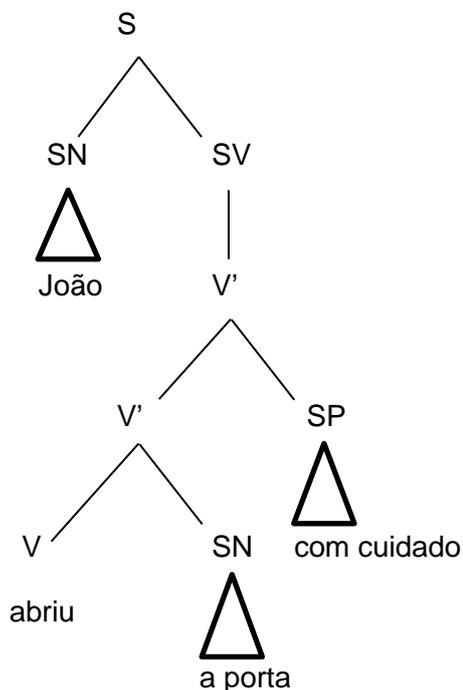
A Teoria X-barras, segundo Othero (2009), é uma teoria sobre a estrutura das sentenças e dos constituintes nas línguas naturais. O modelo da X-barras é, portanto, o módulo que apresenta os constituintes gramaticais, tal como sua organização hierárquica na representação dos sintagmas e das sentenças. É uma instância da PSG (*Phrase Structure Grammar*), formalismo gerativista tratado por Chomsky, inicialmente, na década de 1950. Abaixo, segue o esquema que adotaremos para analisar os sintagmas preposicionais neste trabalho, seguindo o modelo X-barras:



Na árvore sintática de (1), seguimos alguns princípios da teoria*, como o princípio da binaridade, que postula a organização da árvore sempre em construções binárias, garantindo a equivalência estrutural do diagrama. A parte a organização estrutural, atentemo-nos também ao Princípio da Endocentricidade, aquele que garante que para cada nível XP, haja um núcleo X°. Isso fica claro também no diagrama (2), mais simples que o primeiro, mas que possibilita maior facilidade de visão do constituinte individualmente.

Para ilustrar com exemplos do português brasileiro (PB), apresentemos a representação da sentença [João abriu a porta com cuidado]. Teremos na posição de Spec (especificador) o sujeito; como irmão de X', o adjunto adverbial (SP=com

cuidado); como irmão de X (o núcleo de XP), teremos o complemento verbal (SN=a porta).



Em casos como o do diagrama (2), temos um verbo intransitivo. Exemplo:
[Choveu]



Choveu.

Em Lobato (1986), a X-barra é definida como uma teoria a respeito das categorias gramaticais, propondo-se a responder a duas questões: primeiro, quais seriam as categorias sintáticas possíveis; segundo, qual o princípio determinante da organização interna das categorias. À primeira questão, a resposta parcial foi a colocação dos traços distintivos [+N] nominal e [+V] verbal, sendo o nome [+N, -V], o verbo [-N, +V], a preposição [-N, -V] e o adjetivo [+N, +V]. A segunda pergunta é

respondida pelo fato de os sintagmas serem organizados a partir da projeção dessas categorias lexicais básicas.

A Teoria X-barras, em suma, trata do módulo da gramática que trabalha com a organização estrutural dos constituintes da sentença, bem como de sua natureza e grau de hierarquia sintática. Através dessa teoria, podemos representar, analisar e explicar o funcionamento sintático das línguas naturais.

Em português, há alguns trabalhos que utilizaram a teoria X-barras em suas análises gramaticais – e seguiremos alguns desses trabalhos em nosso texto. Destacamos os trabalhos de Lemle (1984), Lobato (1986), Souza e Silva & Koch (1993), Miotto et al. (2004) e Othero (2006, 2009).

1.2 A PREPOSIÇÃO

Segundo Luft (2002), trata-se de preposição a palavra gramatical com função de regência. Funciona como um conetivo subordinante, indicando que seu conseqüente se subordina a um antecedente. Para ele, as preposições essenciais (funcionam apenas como preposição) são *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás*. Por outro lado, contamos também com as preposições acidentais, que são palavras pertencentes a outras classes gramaticais, mas com a possibilidade de funcionar como preposição, tais como as formas *como, conforme, consoante, segundo, durante, visto*. Há, no entanto, um traço sintático que as difere: as preposições essenciais regem pronomes oblíquos, enquanto as acidentais acompanham o pronome reto. Vejamos seu funcionamento:

a) Quem falou *de mim*? (preposição *de* + pronome oblíquo de 1ª p. s.)

* Quem falou de eu?

b) Fiz tudo *conforme tu* falaste. (*conforme* funcionando como locução prepositiva ‘*de acordo com*’ + pronome pessoal reto de 2ª p. s.)

* Fiz tudo conforme ti falaste.

Os casos exemplificados acima tratam da regência canônica da preposição essencial, antecipando um elemento oblíquo. No exemplo em que *ti falaste* ilustra

uma regência agramatical, cabe salientar que o que rege o caso do pronome não é a preposição, mas o fato de vir um verbo depois do pronome ou não. A partir desse caso, devemos considerar a ocorrência dessas preposições quando colocadas antes de outra oração, tornando o nome, irmão de P° na projeção segundo o modelo da X-barra, um nominativo. Observamos essa ocorrência através de outros exemplos da língua portuguesa:

- a) Pedro pediu para Joaquim pegar a bola do outro lado da cerca.
- b) Pedro pediu para eu pegar a bola do outro lado da cerca.
- c) Pedro pediu para mim pegar a bola do outro lado da cerca.

Ao utilizarmos a preposição essencial *para* nos exemplos acima, percebemos que, enquanto em (a), onde colocamos um nome, e em (b), onde *Joaquim* foi substituído por um pronome pessoal do caso reto, a sentença é puramente gramatical e de acordo com a norma culta. Todavia, no exemplo (c), temos uma sentença que caracteriza um desvio na normal culta, pois quando temos um verbo que exige um sujeito, esse sujeito não pode estar em oblíquo, mas em nominativo. Para isso, basta lembrar uma regra básica da língua portuguesa:

Eu faço.

* Mim faço/faz.

Em contrapartida à posição de Luft (2002), considerando as preposições palavras gramaticais, Celso Cunha (2008) apresenta a interpretação lexical possível à classe de palavras. Segundo o autor, embora haja grande variedade de usos das preposições, podemos estabelecer para cada uma delas um conteúdo significativo fundamental, como podemos perceber utilizando como exemplo a preposição *com*.

Na sentença *João saiu com Carla*, observamos nitidamente a ideia fundamental de “companhia”, “associação” que a partícula exprime. Já em *Concordo com você*, há um esvaziamento do conteúdo significativo original, dando lugar ao

funcionamento puramente relacional. No entanto, mesmo no segundo caso, a relação estabelecida pela preposição obrigatória, funcionando como elo na frase, não é feita aleatoriamente; ao contrário, o verbo *concordar* seleciona o *com* pelas aproximações entre o sentido do próprio verbo e o conteúdo de “associação” presente na preposição. Neste trabalho, não será abordada a relação semântica que tange às preposições, sendo a definição de uma preposição um assunto bastante delicado; detemo-nos apenas à representação sintática de agrupamentos preposicionais.

As preposições antecedem Sintagmas Nominais, formando complementos (verbal ou nominal) ou adjuntos (adverbial ou adnominal). Exemplos:

a) complemento:

- verbal: Fábio vai [a Porto Alegre].

- nominal: A reunião foi favorável [à direção da escola].

b) adjunto:

- adverbial: O menino caiu [no sofá].

- adnominal: O campo [de futebol] ficou alagado.

1.3 A LOCUÇÃO PREPOSITIVA

Ainda segundo Luft (2002), uma Locução Prepositiva é a junção de duas ou mais palavras que adquirem valor único de preposição, como nos exemplos a seguir:

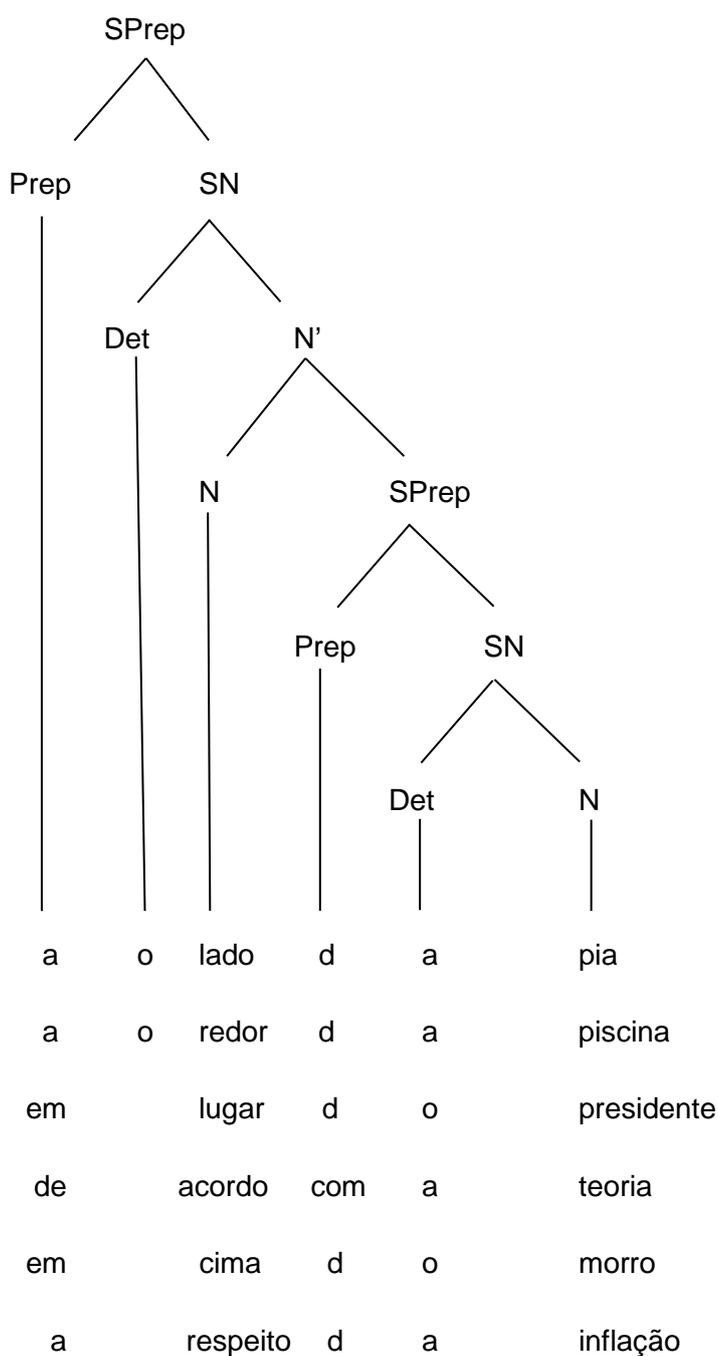
a) Pessoas estranhas moram [em frente ao] meu apartamento.

b) Aquele homem deve ter [por volta de] oitenta anos.

c) Conversamos horas [a respeito do] que havia acontecido.

d) Estava sentado [atrás de] ti.

No entanto, tratando da descrição das formas segundo a Teoria X-barra – o que nos é mais relevante neste trabalho – Lemle (1984) desconsidera a existência das locuções prepositivas, demonstrando, através da representação das estruturas, que se trata de sintagmas adverbiais. Segundo os estudos da autora, o tratamento dos sintagmas por locuções prepositivas se deve a uma ‘rotulação funcional’, pois elas nem sequer compõem um constituinte dominado por um único nó, como vemos nos exemplos a seguir:



A partir das representações acima, podemos observar que, como afirma Lemle (1984), “(...) nossas gramáticas reúnem expressões formadas de advérbios seguidos de preposições (...), ou locuções nominais entre preposições (...), ou preposições seguidas de preposições. (p. 130)” na definição de Locução Prepositiva. No entanto, como trataremos neste trabalho da classificação segundo o princípio estrutural, o que a autora chama de ‘rotulação funcional’, a análise partirá das projeções de sintagmas preposicionais.

2. O SINTAGMA PREPOSICIONAL - OS PROBLEMAS DE CLASSIFICAÇÃO DOS SPs

Este capítulo apresenta a revisão bibliográfica tangente ao assunto dos sintagmas preposicionais. Utilizamos as definições e as descrições de preposições, de locuções e de sintagmas preposicionais propostas por Lemle (1984), Souza e Silva & Koch (1987), Cunha (2008), Perini (2000 e 2010) e Othero (2009). Além disso, discutimos também os problemas de rotulação entre sintagmas preposicionais e adverbiais, locuções prepositivas e adverbiais e o sintagma preposicional e a locução adverbial, considerando a estrutura sintática de cada constituinte.

2.1 LOCUÇÃO PREPOSITIVA *versus* LOCUÇÃO ADVERBIAL

A apresentação de uma descrição do sintagma preposicional se torna bastante delicada pelo fato da existência de várias contradições na classificação das preposições e das locuções prepositivas nas gramáticas e nos estudos gramaticais disponíveis sobre o português. Grande parte da discrepância reside na dificuldade de tratar a classe dos advérbios, transitando pela tênue linha que separa tal classe da classe das preposições e das locuções prepositivas. A complexidade se apresenta a partir das diferentes descrições das locuções prepositivas em contrapartida às locuções adverbiais. Observemos, por exemplo, a sentença *A menina passou **por aqui** correndo*, na qual a preposição *por* se une ao advérbio *aqui*. Classificamos *por aqui* como locução adverbial ou preposicional? Há contradições quanto à questão.

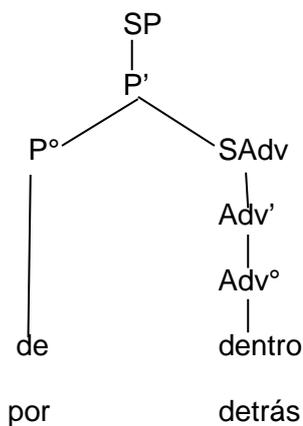
Cunha (2008) apresenta a seguinte saída para o problema:

Quando uma preposição vem antes do advérbio, não muda a natureza deste; forma com ele uma locução adverbial: dentro, por detrás. Se, ao contrário, a preposição vem depois de um advérbio ou de uma locução adverbial, o grupo inteiro se transforma numa locução prepositiva: dentro de, por detrás de. (p. 315).

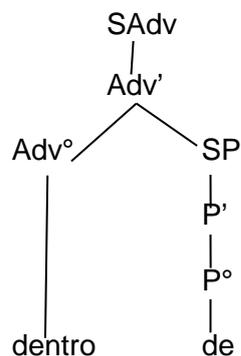
No entanto, o que podemos perceber é que o autor não considera a estrutura dos constituintes. Vejamos seus exemplos a partir de projeções arbóreas por nós estruturadas:

1) de dentro

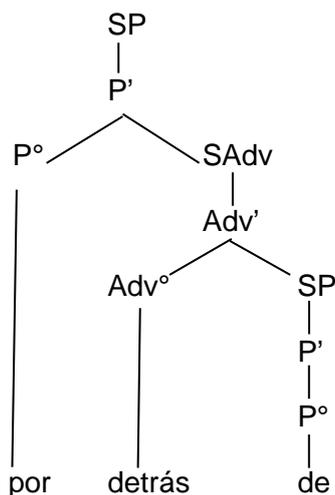
por detrás



2) dentro de



3) por detrás de



Observando as projeções, podemos dizer que as expressões *de dentro*, *por detrás* e *dentro de* apresentam problemas em suas classificações, segundo Cunha, que mostra desconsiderar suas estruturas. Por isso, para nós, a definição será a de sintagma preposicional, já que temos uma preposição que se apresenta a partir de um SP, com um sintagma adverbial como complemento de P°.

Com exceção de *por trás de*, neste trabalho, inverteremos as classificações no tocante às locuções: *de dentro* e *por detrás* serão classificados como sintagmas preposicionais, já que a projeção parte de um SP; *dentro de*, como locução adverbial, pelo fato de ser projetado a partir de um SAdv. Quanto à natureza a que Cunha se refere, não apresenta explicações, o que a torna desconhecida.

Muitas das estruturas que geram a confusão são também esclarecidas por Perini (2010), que explica que grande parte das afirmações feitas sobre os sintagmas adverbiais valem para os sintagmas que impõem a questão de papel temático, construídos com a estrutura de sintagmas preposicionais. Para tal, observa o advérbio *apressadamente*, ocupando as mesmas funções e papéis temáticos do sintagma preposicional *com pressa*. O autor cita o exemplo *A Beth saiu [sem uma palavra]*, dizendo que “(...) Aqui juntamos a preposição *sem* mais o SN *uma palavra*, e o resultado é um adjunto com a função de Modo, como o advérbio *silenciosamente* (...)” (2010, p. 312). A partir dessa abordagem, explorando a capacidade de veiculação de papel temático, apresenta advérbios que não exercem essa função, como *sim* e *não*.

Segundo essa análise, podemos perceber que o autor desenvolve seus estudos sobre esse assunto em relação à sua *Gramática Descritiva do Português* (2000), na qual se limita a “alguma exemplificação” (p. 338), alegando não haver uma pesquisa detalhada sobre a classe dos advérbios, oferecendo apenas sugestões de análise. Optou, naquele momento, por tratar apenas dos itens tradicionalmente adverbiais, como *não*, *rapidamente*, *completamente*, *muito*, *francamente*.

Após uma breve explicação sobre o que ocasiona a confusão na diferenciação de sintagmas adverbiais e preposicionais, podemos discorrer sobre os exemplos do próprio Perini que ilustram o problema. Trataremos com mais detalhes sobre a análise de Perini na próxima seção.

2.2 PROBLEMAS DE ROTULAÇÃO EM PERINI (2000)

Observando a *Gramática Descritiva do Português* (2000), percebemos que Perini apresenta questões relativas a sintagmas preposicionais e adverbiais que destoam do que estudamos segundo a Teoria X-barras. Ao dissertar sobre os conetivos subordinativos, o autor traz a seguinte informação:

Como se vê, palavras como *de* e *em* de certa forma ‘mudam’ a classe e, portanto, as propriedades sintáticas dos SNs: *de* + SN é um SAdj, *em* + SN é um SAdv. Há um grupo de palavras semelhantes a *de* e *em* que só podem construir-se com SNs, formando SAdjs e SAdvs; podemos chamá-las preposições. Definem-se assim: Preposição é a palavra que precede um SN, formando o conjunto um SAdj ou um SAdv. (Perini, 2000, p. 334) (grifos do autor)

É evidente o fato de que, ao tratar constituintes que são gerados a partir de um sintagma preposicional - justamente por serem encabeçados por uma preposição - como se fossem sintagmas adverbiais e adjetivais. Perini faz uma confusão entre rótulos de função e rótulos de forma. Othero, em *Um Estudo Sobre o Sintagma Preposicional* (2009), apresenta uma posição oposta à de Perini, classificando agrupamentos que este rotula como sintagmas adverbiais como sendo sintagmas preposicionais. Othero, ao se opor a Perini, salienta que “Perini (...) classifica alguns de nossos PPs como sendo sintagmas adverbiais, por eles ocuparem uma função sintática típica de adjuntos adverbiais. Não concordamos com Perini ao classificar um PP como AdvP¹” (2009, p. 138). Para exemplificar sua posição, Perini utiliza dois exemplos:

- 4) Miriam mora [em Fortaleza].
- 5) A mãe [de Miriam].

Embora, semanticamente, [em Fortaleza] desempenhe papel de locução adverbial de lugar, e [de Miriam], de adjetivo, não se trata de SAdv, sequer de SAdjs, mas ambos serão analisados aqui como sintagmas preposicionais, uma vez que sua projeção parte de um SP. Perini toma a preposição *de*, utilizando o sintagma [de Miriam], para explicar sua posição:

Sabemos que um SN não pode ser modificador, a função de modificador (interno ou externo) é típica de sintagmas adjetivos. A palavra *de* tem a propriedade de converter um SN em SAdj, dando-lhe, assim, a possibilidade de funcionar como modificador. É o que acontece no sintagma ‘A mãe de Miriam’. (Perini, 2000, p. 333-334).

A parte disso, seria infundado pensar em uma representação na qual os constituintes fossem projetados partindo de Adv^o ou de Adj^o, justamente por serem antecidos por preposição, mas também por não apresentarem em suas constituições adjetivos nem advérbios. Mais à frente, com a descrição desses sintagmas, perceberemos que o papel temático de que Perini fala não cobre tais problemas.

¹ PPs (*prepositional phrases*) são os sintagmas preposicionais (SPs); AdvP (*adverbial phrases*) são os sintagmas adverbiais (SAdv).

2.3 ESTUDOS DE PERINI DE 2010

Perini, na *Gramática do Português Brasileiro* (2010), ao tratar das preposições predicadoras, mantém sua posição anterior, descrevendo a preposição como “(...) uma palavra que se coloca antes de um SN de maneira que a sequência resultante é um sintagma adjetivo ou um sintagma adverbial (2010, p. 311)”. Mais uma vez, o que ocorre é uma confusão entre forma e função. Adiante, esclarece que, no exemplo *o homem do paletó preto*, o sintagma preposicionado [do paletó preto] pode ser substituído por [encapotado], ou seja, por um adjetivo.

- 4) O homem [do paletó preto] – S?
- 5) O homem [encapotado] - SAdj

No exemplo (6), Perini não deixa claro qual tipo de sintagma aparece ali:

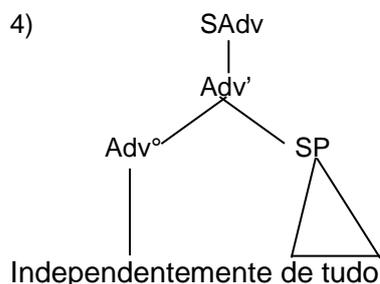
(...) temos um sintagma, *do paletó preto*, que se compõe de uma preposição (*de*) mais um SN (*o paletó preto*) e que funciona como modificador dentro do SN maior *o homem do paletó preto* (...) o acréscimo de *de* cria um sintagma adjetivo, que pode funcionar como modificador dentro de um SN (2010, p. 311)

No entanto, acreditamos que o sintagma preposicional [do paletó preto] desempenha papel temático de predicativo, podendo ser substituído por [encapotado], mas não muda sua natureza como um SP. Temos um caso de SP modificador, mas somente teríamos sintagma adjetivo no caso de [encapotado], quando temos um núcleo Adj° projetado a partir de um SAdj que se origina diretamente de N'. E, reafirmando sua posição, Perini diz que a classe das preposições é “(...) uma classe de palavras cuja função é criar, a partir de uma construção pertencente a uma classe, outra construção pertencente a uma classe diferente” (2010, p. 312).

2.4 ESCLARECENDO: O SINTAGMA E A LOCUÇÃO ADVERBIAL

Cabe a este trabalho trazer definições de sintagmas adverbiais para que, apesar da discrepância quanto à sua classificação, haja um pouco de clareza quanto à sua natureza estrutural. Para isso, podemos recorrer a Mateus & Xavier, que afirmam ser o sintagma adverbial a “(...) projeção máxima de um advérbio. É, geralmente, constituído apenas pelo advérbio ou por este e um especificador

também adverbial, funcionando como quantificador. O advérbio pode selecionar um complemento. Exemplo: independentemente de tudo. (...)” (1992, p. 611). Visualizemos através da projeção que fizemos deste constituinte:

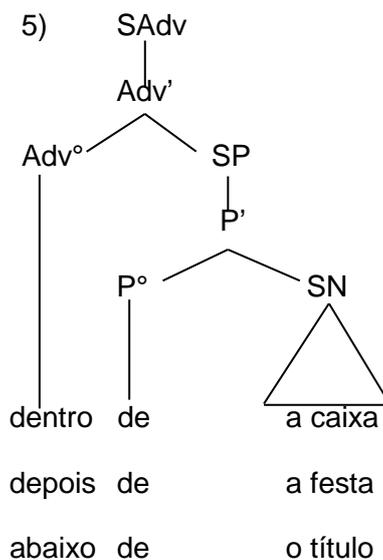


Lemle (1984) concorda com o postulado anterior, analisando o fato a partir da percepção que “(...) um advérbio pode ter complementos, e um advérbio mais os seus complementos perfaz um sintagma adverbial. (...)” (p. 130). Para esclarecer sua colocação, exemplifica com os seguintes casos:

dentro – dentro da caixa

depois – depois da festa

abaixo – abaixo do título



No entanto, como já fora mencionado no capítulo 1, Lemle nega a existência das locuções prepositivas, tratando-as como adverbiais, como veremos na seção a seguir. A autora discorda de Perini (2000), quanto ao tratamento dos exemplos acima projetados como locuções prepositivas, considerando-as genuinamente adverbiais.

2.5 O SP PARA MIRIAM LEMLE (1984)

Tratando de sintagmas preposicionais, a autora considera a seguinte regra (p. 160) para gerá-lo:

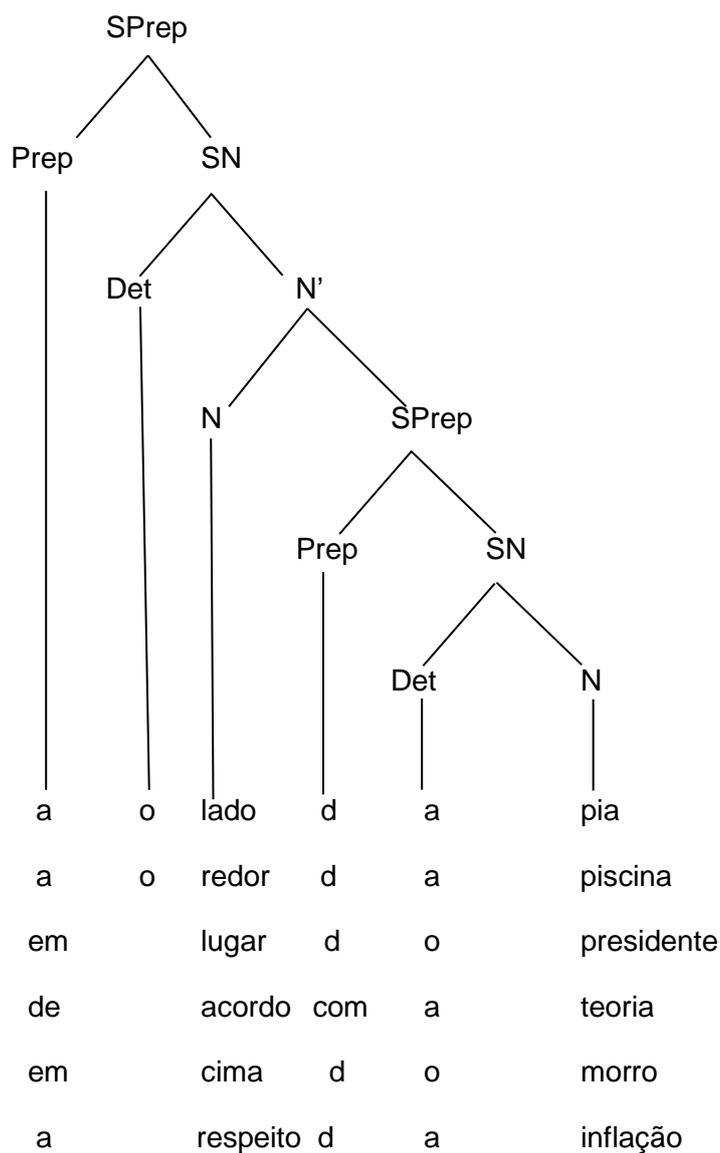
$$\text{SPrep} \rightarrow \left(\left[\begin{array}{c} \text{Adv} \\ \text{SPrep} \end{array} \right] \text{ Prep} \left[\begin{array}{c} \text{SN} \\ \text{SAdv} \end{array} \right] \text{ (SPrep)} \text{ S} \right)$$

Observando a regra que Lemle aplica à estrutura dos sintagmas preposicionais, percebemos alguns equívocos. O primeiro deles é que a regra apresenta a sentença – e não o SN – como elemento obrigatório à estrutura, além do próprio núcleo P°. Ao nosso entender, S deveria aparecer entre parênteses, indicando opcionalidade.

Além da questão da obrigatoriedade de S na regra de Lemle, ela não apresenta a projeção intermediária P' na regra de reescrita: aponta como opcional a existência de um Adv ou de outro SP (como modificador, supomos) e, logo em seguida, a preposição. Dessa forma, desrespeita a X-barrá duplamente: (i) ignora a projeção intermediária P'; e (ii) apresenta um Adv – e não um SAdv – como modificador do SP.

Além do mais, ao negar a existência das locuções prepositivas, até mesmo a classificação quanto a preposições seguidas de preposições (*para com*, por exemplo), nem mesmo considera construções como *ao lado da pia*, *em lugar do presidente*, *de acordo com a teoria* estruturas que compõem o mesmo nó na projeção arbórea. Esses constituintes e suas projeções já foram apresentados na introdução desse trabalho, mas observemos novamente a que a autora se refere:

6)



Repare que, embora o livro trate da Teoria X-barras, a autora não a respeita. Lemle não projeta a posição intermediária P' partindo de SP, e sim o núcleo P°. Podemos observar em (6) que a teoria é seguida quando projeta SN, no qual há a posição intermediária N' para, só então, ser projetado o N°, mas o princípio não se mantém em SP.

Para Lemle (1984, p. 133), as gramáticas têm cometido a confusão de classificar como advérbios construções a partir da contração de preposições e nomes, como *apesar de*, *abaixo de*, *acima de*, *defronte a*. Segundo a autora, se pensarmos dessa forma, teremos uma regra que determina que prefixando as preposições *a* e *de* a nomes obteremos advérbios. Lemle dá a esse fenômeno o

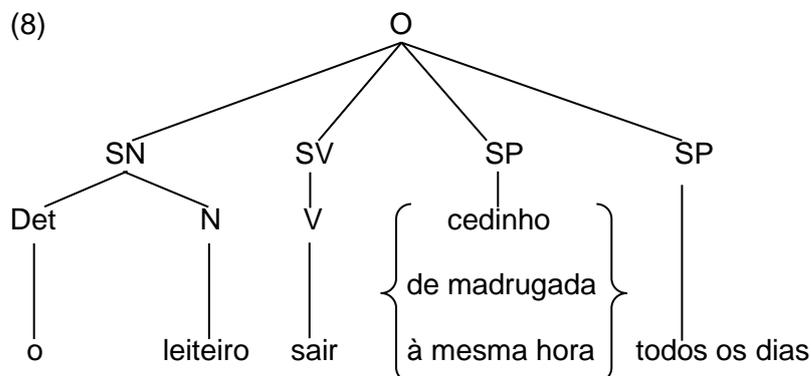
nome de **adverbialização** de sintagmas preposicionais. Contudo, como as próprias gramáticas apresentam dificuldade de classificação, quanto a essas estruturas (também analisadas por Perini) podemos dizer que, como um sintagma, são projetadas a partir de um SAdv, justamente por *apesar*, *abaixo*, *acima* e *defronte* serem classificados predominantemente como advérbios.

2.6 O SINTAGMA PREPOSICIONADO PARA SOUZA E SILVA & KOCH

Segundo as autoras, geralmente, o SP se constitui de uma preposição e de um sintagma nominal, como na seguinte regra:

SP → prep. + SN

Contudo, Silva & Koch apresentam alguns exemplos de orações em que rotulam advérbio e SN como SP. Verifiquemos, através de sua projeção, a que as autoras se referem quando dizem que os seguintes modificadores podem ser vistos como SPs (p. 19):



O que nos chama atenção é o fato de que [cedinho] e [todos os dias] sejam vistos como SPs, sendo que as autoras examinam as orações tomando os constituintes como *advérbio* e *SN (locução adverbial)* (p. 18). Souza e Silva & Koch explicam a projeção pelo fato de que todos os SPs apresentados exercem na oração a mesma função – a de modificador circunstancial de tempo, ou seja, advérbios ou locuções adverbiais. Justificam por “(...) o fato de serem esses modificadores (...) expressos por *locuções adverbiais* (grifo das autoras), normalmente introduzidas por preposição, é possível atribuir-lhes a etiqueta de SP”. (1987, p. 19). Ainda em defesa dessa classificação, apresentam argumentos em favor dela, como o fato de

advérbios corresponderem a locuções adverbiais (*aqui – neste lugar*), de que advérbios formam um inventário fechado, enquanto as locuções adverbiais têm inventário aberto, tornando economia linguística rotulá-las como SPs, e a coerência em manter a projeção segundo a função, não a estrutura dos constituintes. Logo, sua regra se torna a seguinte:

$$SP \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{prep + SN} \\ \text{adv} \end{array} \right\}$$

Não concordamos com a apresentação desta regra por Souza e Silva & Koch, pois somente a existência de uma preposição gera a projeção de um SP, analisando estruturalmente as construções apresentadas. Sendo assim, consideramos [de madrugada] e [à mesma hora] SPs, mas [cedinho] é visto como SAdv e [todos os dias] como SN (segundo a *Gramática Gerativa Transformacional*, considerando *todos* como pré-determinante). Podemos comparar a análise das autoras à análise de Perini (2010, p. 311), que também traz equívocos em relação à rotulação dos sintagmas, que considera [*do paletó preto*] um SAdj, funcionando como modificador de um SN, pelo fato de poder ser substituído por [*encapotado*].

Silva & Koch apresentam ainda a classificação dos SPs em tipos, seguindo uma ordem que chamam de “semântico-pragmática” (p. 21):

a) SPA (sintagma preposicional adjunto) dentro do SV, com a função de modificador ou intensificador do verbo, dentro do SN ou do SAdj, funcionando como modificadores nominais, ou fora dos sintagmas, ligado direto à oração, formando um sintagma modificador oracional.

b) SPC (sintagma preposicional complemento) desempenhando a função de complemento nominal ou complemento verbal. Quanto ao SP como complemento nominal, são feitas algumas considerações, sendo a sua distinção de SPA nominal controversa. Segundo as autoras, nomes abstratos de ação e movimento, de sentimentos e derivados de adjetivos transitivos precisam de um complemento SP, enquanto o SPA “(...) modifica nomes intransitivos, isto é, de carga semântica completa, geralmente concretos (...)” (1987, p. 22).

3. DESCRIÇÃO DO SINTAGMA PREPOSICIONAL

Este capítulo tem como objetivo descrever e detalhar as possibilidades de reescrita e formação dos sintagmas preposicionais. A partir de exemplos, trazemos a discussão dos SPs complementos e adjuntos e da posição dos elementos dentro do sintagma a partir da Teoria X-barras.

3.1 OS TIPOS DE SP

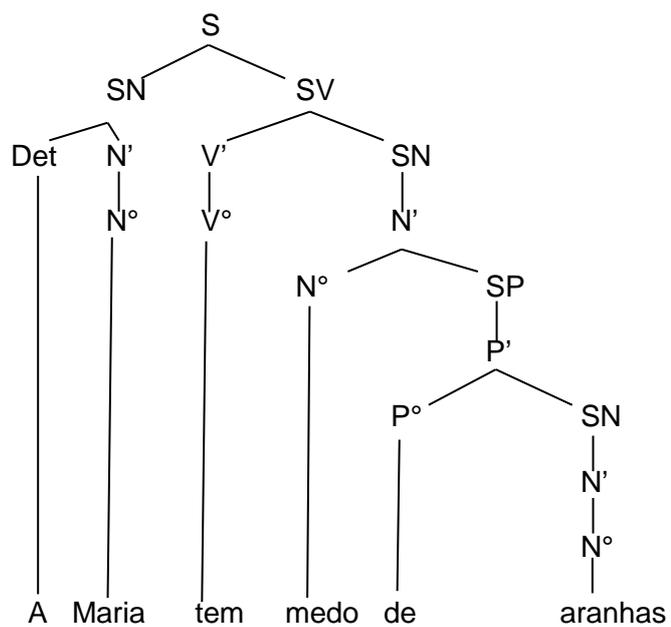
Apresentada a discussão acerca da complexidade da distinção de sintagmas preposicionais e adverbiais, partimos agora para a descrição dos SPs em português. Como já fora citado, o SP é uma estrutura que provém da existência de um núcleo P° , projetada basicamente da seguinte forma:



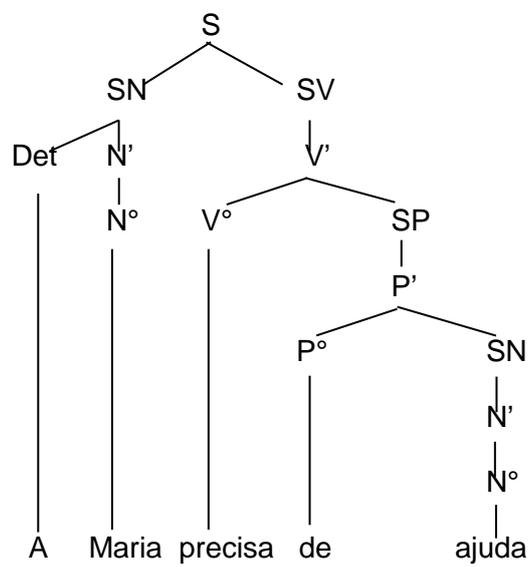
Identificamos como sintagma preposicional na teoria gerativa a projeção máxima de um núcleo P° (preposição). Na Teoria X-barras, o sintagma preposicional (SP) é um constituinte que pode ser representado em posição de complemento ou de adjunto. Se for complemento, pode ser complemento de um N° (figurando dentro do sintagma nominal, portanto), de um V° (em um sintagma verbal), de um Adj° (em um sintagma adjetival) ou de um Adv° (em um sintagma adverbial). Se for adjunto, aparece em SNs, SVs ou no nível da sentença. Montemos as árvores sintáticas dos seguintes exemplos de SP em posição de complemento e de adjunto:

a) Complementos:

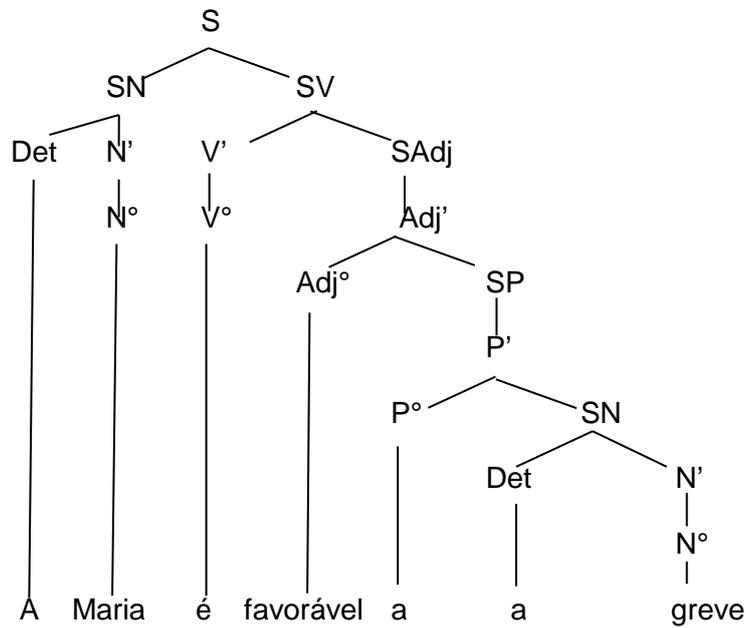
2) A Maria tem [medo [de aranhas]]



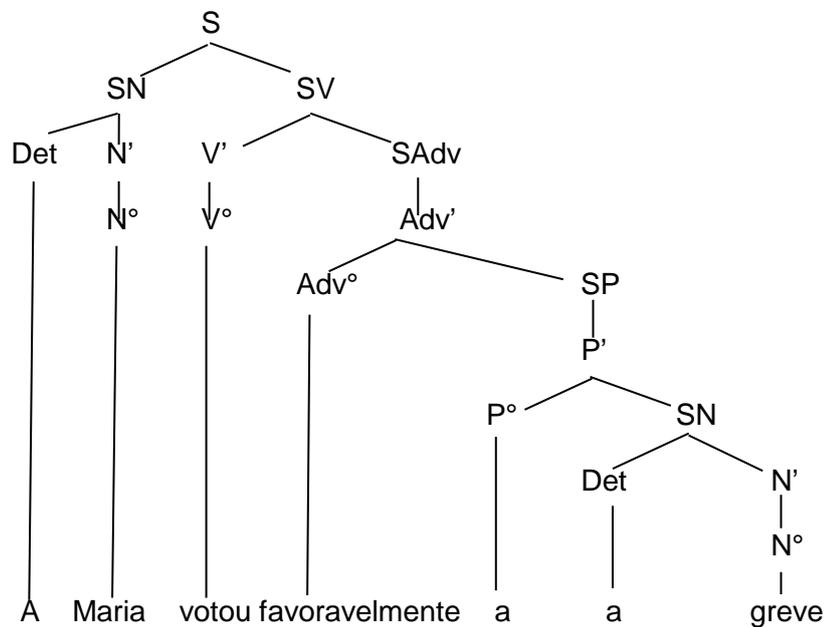
3) A Maria [precisa [de ajuda]]



4) A Maria é [favorável [à greve]]



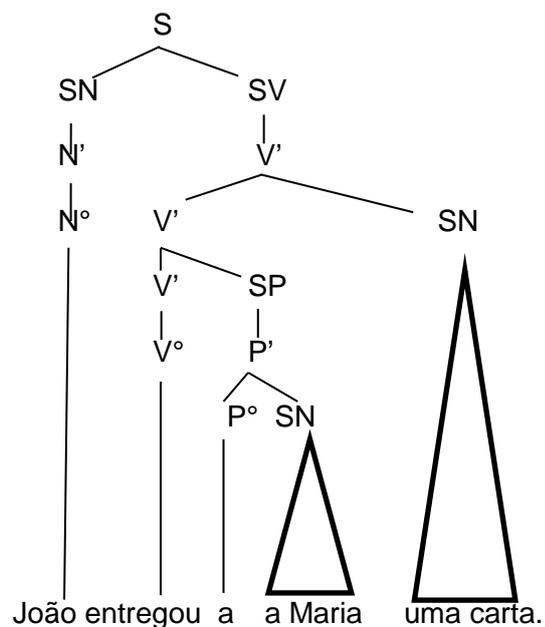
5) A Maria votou [favoravelmente [à greve]]



Observe que, quando argumento do verbo, o SP mantém relação de irmandade com o núcleo V° - o mesmo acontece quando tiver função de complemento nominal, ou seja, continuará mantendo relação com o núcleo do

constituente, sendo, nesse caso, N^o, Adj^o ou Adv^o. Quando temos um verbo que exige dois complementos, por sua vez, as modificações acontecem envolvendo V', da seguinte maneira:

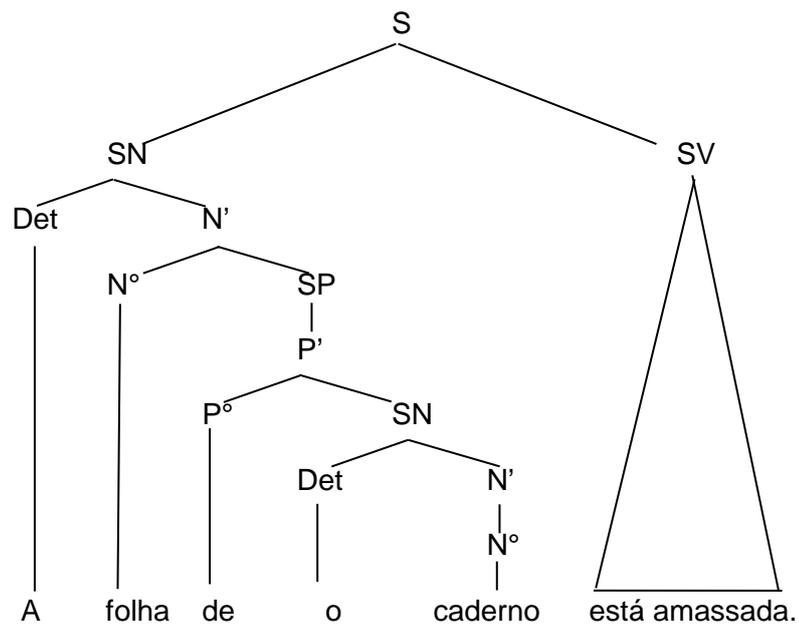
6) João [entregou [à Maria]] uma carta.



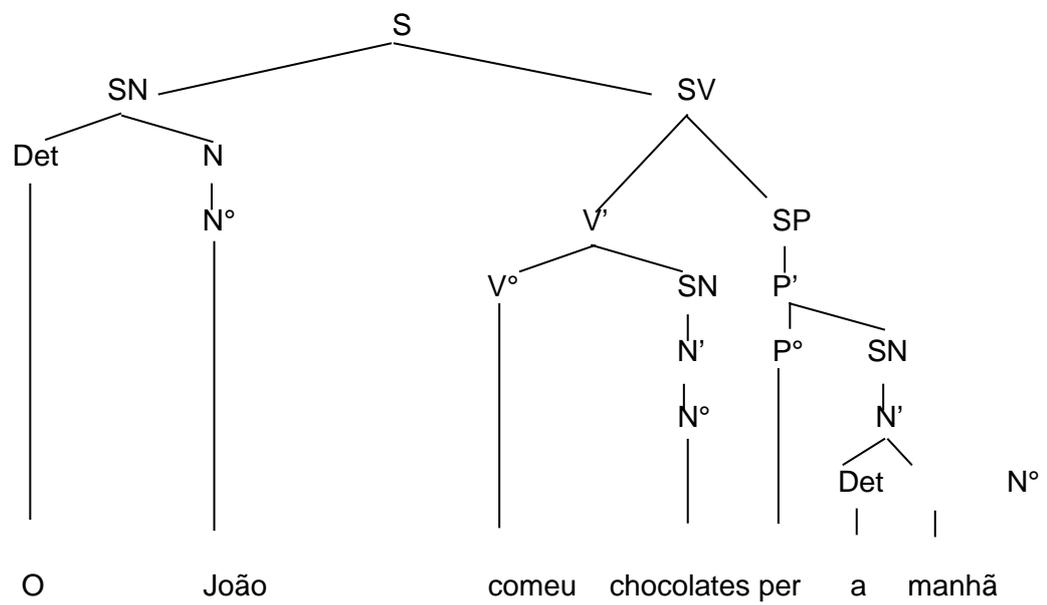
Quando em papel de adjunto, o SP ocupa outra posição na árvore, como veremos abaixo.

b) Adjuntos:

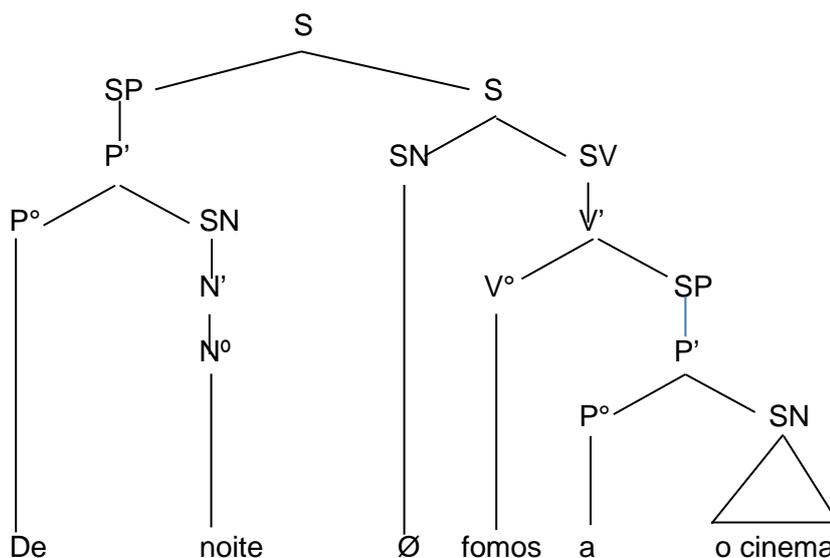
7) A folha [do caderno] está amassada.



8) O João [comeu chocolates [pela manhã]]



9) [[De noite], fomos ao cinema]



Diferentemente da primeira árvore sintática, notamos que o SP como adjunto adverbial ocupa a posição de irmão de V', tal como de N', quando adjunto adnominal. Sendo assim, conclui-se que um complemento está mais próximo do núcleo (X°), enquanto o adjunto ocupa posição intermediária, ao lado de X'.

Segundo a descrição de Miotto et al. (2007), o SP (para ele, sob a denominação de PP – *Prepositional Phrase*) serve para a função de adjunto, não sendo prototípico termos esse constituinte exercendo papel de complemento. O autor explica sua posição perante o assunto restringindo o tipo de preposição que rege cada função do SP

“(…) Se um constituinte tem a forma de PP e a função de argumento, a preposição que o encabeça vai ser do tipo funcional: ela não contribui para fixar o papel semântico do seu complemento. Se (...) o constituinte tem a forma de PP e função de adjunto, a preposição que o encabeça vai ser do tipo lexical: o papel semântico do seu complemento é fixado por ela.” (Miotto, 2007, p. 97).

3.2 REGRAS DE REESCRITA DOS SPs

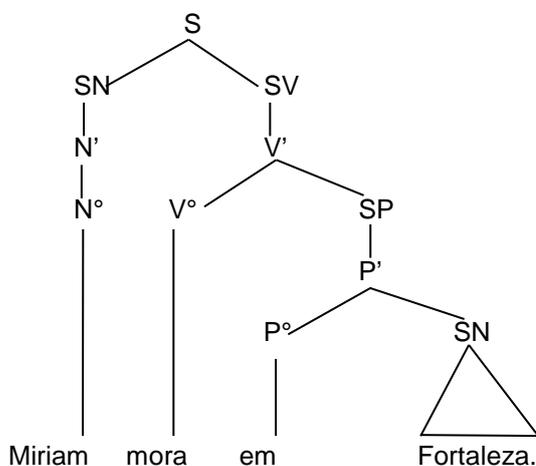
Para representarmos a estrutura dos sintagmas preposicionais, buscamos sete regras descritas por Othero (2009), em *Um Estudo sobre os Sintagmas*

Preposicional e Adverbial em Português Brasileiro. Segundo Othero, as regras gramaticais são as seguintes²:

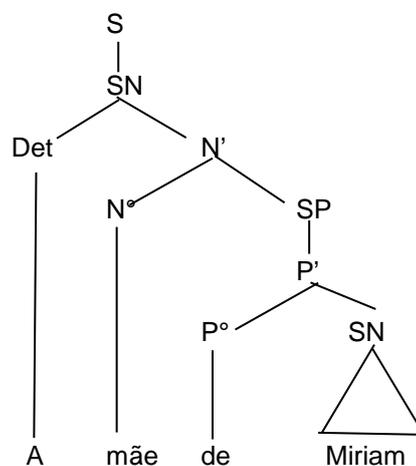
- (1) $SP \rightarrow P'$
- (2) $P' \rightarrow SAdv P'$
- (3) $P' \rightarrow P^\circ SN$
- (4) $P' \rightarrow P^\circ AdvP$
- (5) $P' \rightarrow P^\circ CP$
- (6) $P' \rightarrow P^\circ SP$
- (7) $P' \rightarrow P^\circ$

Comecemos, então, com a regra (1), que determina que a partir de um SP teremos a projeção de um P'. Regra categórica, podemos observá-la em todos os SPs. Observemos como a regra se aplica, utilizando exemplos de Perini citados anteriormente:

(9) Miriam mora em Fortaleza.



(10) A mãe de Miriam



Observamos, através das árvores sintáticas, que o sintagma [em Fortaleza] e [de Miriam], os quais Perini rotula, respectivamente, como sintagma adverbial e adjetival, são sintagmas preposicionais na leitura de Othero (2009). A existência de

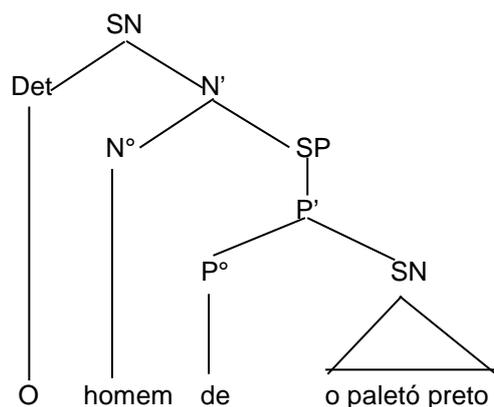
² Adaptamos as regras de Othero (2009), que trata como PP (*Prepositional Phrase*) o SP e como AdvP (*Adverbial Phrase*) o SAdv. O que chama de DP entendemos como sintagma determinante - neste trabalho lidaremos com SNs, portanto serão entendidos como SNs - e CP, como sintagma complementizador. O SP é mostrado como a projeção máxima do núcleo P°, a partir da qual é projetado o P', em posição intermediária.

uma preposição é suficiente, no nosso entender, para “criar condições” para a projeção de um SP, tal como acontecem em sintagmas adverbiais e adjetivais, que se projetam em função de advérbios e adjetivos. Perini, como mencionamos anteriormente, confunde a forma e a função dos constituintes, que, apesar de serem estruturalmente SPs, desempenham papéis temáticos de locução adverbial de lugar e de adjetivo.

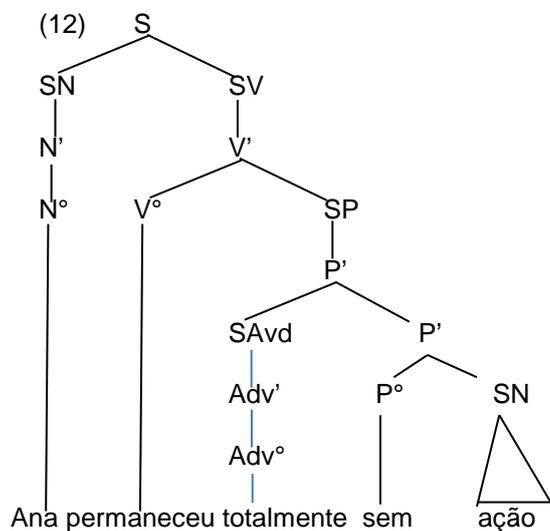
Ainda em (9) e (10), percebemos a aplicação da regra (3), que determina que P' se reescreve P° e SN. Os SNs [Fortaleza] e [Miriam] são sintagmas determinantes, irmãos de P° na projeção arbórea, sendo constituintes pertencentes ao mesmo nó P'. Nos exemplos, temos os SNs como complementos das preposições transitivas *em* e *de*.

No SN *o homem do paletó preto*, exemplo citado também por Perini (2010), assim como em (9) e (10), aplicamos as regras de reescrita (1) e (3):

(11) o homem do paletó preto



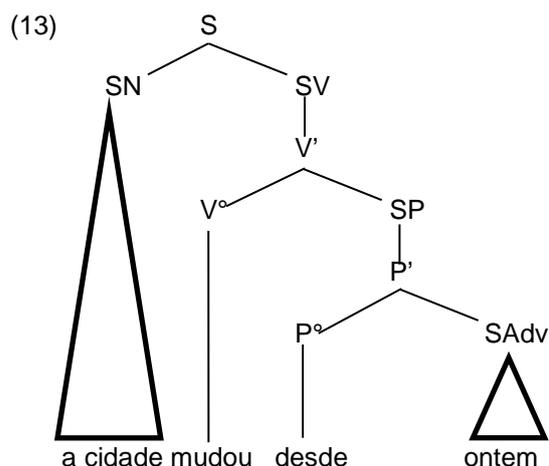
Observemos, agora, a seguinte sentença:



Como já foi dito anteriormente, a regra (1) é geral; portanto, no exemplo (12) ela também se apresenta, sendo que do SP é projetado P'. Se olharmos atentamente para o primeiro P', contudo, vemos que algo diferente ocorre: a duplicação da projeção intermediária. Essa ocorrência é justificada pelo fato de termos um SAdv em posição de adjunto, que não mantém relação de irmandade com o núcleo preposicional, mas compõe mesmo nó sintático que o segundo P'. Essa suplicação da projeção intermediária é prevista pela regra (2) de reescrita, que determina que $P' \rightarrow \text{SAdv } P'$.

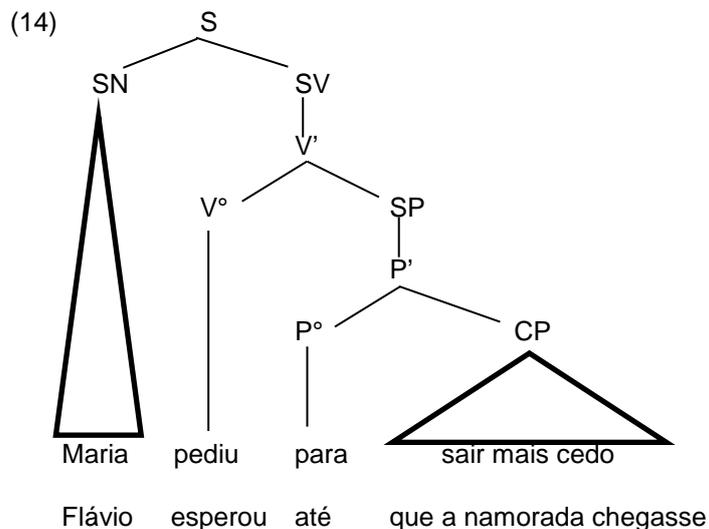
O que acontece em *Ana permaneceu [totalmente [sem ação]]* é que o advérbio *totalmente* funciona como modificador de SP. Sendo assim, deve aparecer em posição de adjunto. Como a Teoria X-barra tem como um de seus princípios a Binaridade, redobramos P' para que o SAdv possa ocupar seu lugar como adjunto ao lado da projeção intermediária dentro do SP *sem ação*.

O próximo exemplo é descrito pela regra (4), que afirma de $P' \rightarrow P^\circ \text{ SAdv}$:



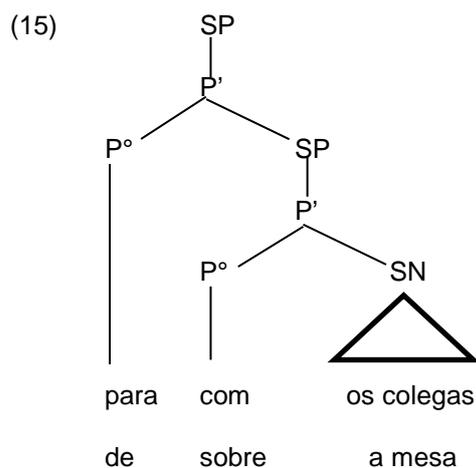
Neste caso, diferentemente do que descreve a regra (2), temos um SAdv complemento de SP, à direita da preposição e irmão do núcleo P°. Acontece que o sentido da preposição *desde* é completado pelo advérbio *ontem*, formando um sintagma ao qual se aplica, novamente, a regra (1) e a regra (4), considerando o núcleo preposicional irmão do sintagma adverbial na projeção arbórea, ambos partindo de P' que, por sua vez, é projetado a partir do SP.

Nas sentenças *Maria pediu para sair mais cedo* e *Flávio esperou até que a namorada chegasse*, temos os sintagmas complementizadores [sair mais cedo] e [que a namorada chegasse], antecipados por preposição. Segundo a regra (5), a reescrita de SP se realiza com P° mais CP, representados da seguinte maneira:



Assim como todo sintagma que exerça a função de completo, CP é projetado em posição de irmandade com o núcleo P°. Essa oração que funciona como complemento, iniciada ou não pela conjunção integrante, exerce função de objeto indireto em relação à primeira oração. Dessa forma, aparece dentro do SP, como se fosse um SN ou qualquer outro sintagma não oracional.

Dando conta da regra (6), vamos utilizar dois exemplos de Lemle (1984, p. 161) que apresentam preposições que aceitam SPs como complemento:



Vemos construções como essas descritas como locuções prepositivas pelas gramáticas tradicionais. Segundo Luft (2002, p. 188), tratamos como locução prepositiva uma formação de duas ou mais palavras que exerçam a função única de preposição. Sendo

⇒

assim, tratar a regra (6) $P' \rightarrow P^{\circ} SP$ é totalmente coerente, partindo da existência de preposições que, em certos contextos, são complementados por sintagmas preposicionais, como nos exemplos mostrados.

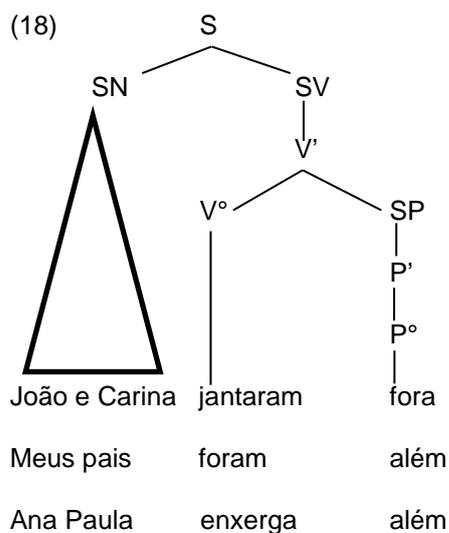
Para a regra (7), no entanto, é necessário considerarmos uma questão bastante controversa: a transitividade das preposições. Abordamos esse assunto como sendo a questão de as preposições exigirem ou não complemento dentro de seus sintagmas, assim como acontece em SNs, com um complemento nominal, e em SVs, com um complemento verbal. Othero (2009) lança essa questão, citando autores como Lemle (1984), que se baseou em Jackendoff (1973), e Radford (1997), que trataram da existência das preposições intransitivas. Utiliza como exemplo *além* e *fora*, que são analisados como SPs nos seguintes casos (Othero, 2009, p. 138):

(16) *Amanhã, o Grêmio joga [fora].*

(17) *Chomsky foi [além].*

Segundo Othero, uma vantagem em aceitarmos a classificação de [fora] e [além] como SPs é uma questão proposta pela própria X-barra, cuja estrutura prevista $XP \rightarrow X' \rightarrow X^{\circ}$ admite que X° (podendo representar qualquer núcleo lexical ou funcional) seja projetado a partir da projeção intermediária com a característica de ser intransitivo. Contudo, essa regra por si só permitiria construções agramaticais, como **Ana foi [para].* e **Laura falar [com].*

Dessa forma, sentenças como (16) e (17), que apresentam elementos classificados como preposições e que são intransitivas, explicam a regra (7), sendo gramaticais. Vejamos como fica a projeção arbórea dos constituintes nas seguintes sentenças:



Contudo, como já foi discutido anteriormente, devemos dar demasiada atenção para a questão de advérbios que funcionam, em determinadas construções, como preposições. Para dispormos de uma teoria que dê conta dessa regra, em primeiro lugar, precisamos considerar advérbios como *além* e *fora* pertencentes à classe das preposições, ou seja, como define Luft (2002), sendo esses elementos preposições acidentais. Todavia, consideremos que um advérbio exige um SP como complemento, sendo perfeitamente gramatical que acrescentemos SPs às sentenças apresentadas no exemplo (19). Assim, obteríamos:

(19) João e Carina jantaram [fora [de casa]].

(20) Meus pais foram [além [das expectativas]].

(21) Ana Paula enxerga [além [do horizonte]].

Em seguida, lembremos a formação de um SP com uma preposição essencial:

(22) Renata viajou [com [o namorado]].

(23) Alisson nasceu [em [Porto Alegre]].

(24) Fabiano foi [a[o cinema]].

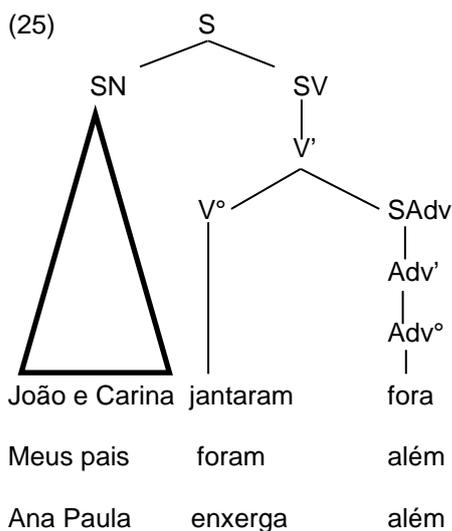
Observando as sentenças (22), (23) e (24), as quais têm seus SPs constituídos por preposições tradicionalmente pertencentes a essa classe de palavras, cabe salientar que não se trata de estruturas intransitivas, pois tanto nos três exemplos apresentados, quanto em qualquer outra formação que contenha uma das preposições essenciais, P^o sempre exigirá um complemento (normalmente, um SN). Nos casos apresentados, percebemos que um SN é o complemento mais recorrente no interior de um SP, enquanto um Adv^o exige um SP como seu complemento – tal como as “preposições acidentais”. A partir disso, podemos tirar algumas conclusões acerca da sétima regra proposta por Othero (2009):

1. Nos exemplos (19), (20) e (21) temos advérbios se comportando como tal. Dessa forma, mesmo que possam ser vistos como palavras de outra classe que, em determinadas construções, funcionam como preposição, *além* e *fora* continuam se apresentando como advérbios, formando, portanto, SAdv. Um advérbio exige como complemento um SP, a exemplo dos verbos, ao contrário de um SP, que comporta, geralmente, um SN como complemento.
2. Em (22), (23) e (24), ao observarmos as preposições genuinamente pertencentes à classe, podemos afirmar categoricamente que todas elas são transitivas. Portanto, em se tratando das preposições essenciais a que Luft (2002) se refere, não há dúvidas quanto à questão da transitividade, sendo que todas elas formariam

sentenças agramaticais como * *Ana foi [para]* e * *Laura falar [com]*, caso não apresentem seu complemento.

3. Por fim, observando os dados que se apresentam na língua portuguesa, podemos interpretar a regra (7) de formação de um sintagma preposicional como uma assimetria da Teoria X-barras, a qual determina que $XP \rightarrow X' \rightarrow X^{\circ}$, pois todas as preposições essenciais são **transitivas**, não podendo X' ser reescrito apenas pelo núcleo X° . Portanto, apesar da questão da intransitividade das preposições presente em Lemle (1984), que se baseou em Jackendoff (1973), e Radford (1997), a regra (7) de Othero não existe em português, contrariando um dos princípios da X-barras e aceitando que não exista a característica de intransitividade nas preposições tradicionais.

Portanto, o que Othero (2009) classifica como preposição intransitiva, é na verdade um advérbio, o que nos faz reanalisar as sentenças em (18) como o seguinte:



Segundo as sete regras de reescrita dos sintagmas preposicionais propostas por Othero (2009) e adotadas neste trabalho, tiramos algumas conclusões com base na análise das estruturas – a que nos propomos desde o início. A primeira delas é que a regra (1) se aplica a todos os casos de SPs, respeitando a Teoria X-barras, cujo postulado é a existência de uma projeção intermediária nos constituintes. Logo, constatamos que a regra (7) não se aplica ao português, analisando a transitividade das preposições essenciais. Quanto às demais regras, tratando da questão de complementos e modificadores de SP, nota-se que cada regra prevê uma possibilidade de ocorrência do sintagma, mas que é sempre a sentença que vai determinar qual é a regra de formação gramatical. Não havendo estudos que deem conta de todos os casos com absoluta precisão, a descrição feita é uma entre tantas possibilidades existentes para o estudo da sintaxe das sentenças em português.

Considerações Finais

Neste trabalho, propusemo-nos a analisar a estrutura e a formação dos sintagmas preposicionais em língua portuguesa. Para isso, recorremos a autores que tratam a questão e à descrição segundo algumas regras gramaticais de formação de SPs.

Inicialmente, fizeram-se necessários alguns esclarecimentos sobre os modelos e teorias que seriam utilizadas no decorrer da análise. Apresentamos o modelo proposto pela Teoria X-barra, introduzida por Chomsky (1970), trazendo a visão de autores que trabalharam com os dados do português, tais como Lemle (1984), Lobato (1986), Miotto et al. (2007) e Othero (2009), que abordam a teoria em seus estudos. A definição do que é definido como preposição também se fez indispensável para o estudo, utilizando as definições de Luft (2002) e Cunha (2008), trazendo à tona a discussão sobre preposições essenciais e acidentais. Logo, observando os estudos de Lemle (1984) e Luft (2002), a análise se estendeu ao discutido caso das locuções prepositivas.

O segundo passo foi delinear os limites entre sintagmas preposicionais e adverbiais, bem como a sutileza que difere as classes gramaticais preposição e advérbio, causando divergência entre autores e descrições diversas. Em revisão bibliográfica a partir dos estudos de Lemle (1984), Souza e Silva & Koch (1987), Perini (2000 e 2010), Cunha (2008) e Othero (2009), apresentamos a discussão, tendendo sempre a análises que considerassem a estrutura dos constituintes, sendo esse o objetivo deste trabalho – a descrição quanto à forma e estrutura dos sintagmas preposicionais em português. Vimos que o maior problema que se apresenta na maior parte das descrições é o fato de a rotulação apresentar problemas, como no caso de Lemle (1984), Souza e Silva & Koch (1987) e Perini (2000 e 2010).

Por último, propondo-nos a uma proposta de descrição dos sintagmas preposicionais, trabalhamos com os tipos de SP e suas funções, como complemento ou adjunto, apresentando em projeções arbóreas a posição que ocupam na sentença. Em seguida, as sete regras de reescrita dos SPs apresentadas por Othero

(2009) foram apresentadas e discutidas, de forma que para cada regra fossem apresentados exemplos de sentenças projetadas e analisadas.

Essa análise nos permitiu chegar à conclusão de que, estruturalmente, somente a existência de uma preposição dá condições para a existência de um SP (ou seja, ter uma preposição como núcleo é requisito necessário e suficiente para justificar a projeção máxima SP): a única regra que se aplica em todos os casos, independentemente do tipo de SP, é a que determina que SP se reescreva P', a projeção intermediária deste constituinte, e P' se reescreva P⁰. Ou seja:

$$SP \rightarrow P'$$
$$P' \rightarrow P^0$$

Sendo assim, considerando a estrutura dada de um sintagma preposicional, percebemos que é possível pôr em questão vários dos exemplos estudados na literatura sobre o assunto. Contudo, ainda havendo muito que investigar no tocante aos estudos das estruturas sintagmáticas de uma língua e a suas classes de palavras, nenhuma regra pode ser considerada categórica; nenhum argumento é infalível quando o objeto de discussão é a língua e sua estrutura morfossintática.

Referências

CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo: edição de bolso / Celso Cunha; organização Silene da Cunha Pereira.** Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

LEMLE, Miriam. **Análise Sintática: teoria geral e descrição do português.** São Paulo: Ática, 1984.

LOBATO, Lúcia M. P. **Sintaxe gerativa do português: da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação.** Belo Horizonte: Vigília, 1986.

LUFT, C. P. **Moderna Gramática Brasileira / Celso Pedro Luft; supervisão Lya Luft; organização Marcelo Módolo; consultoria técnica Mário Eduardo Viaro.** – 2ª ed. rev. e atual. São Paulo: Globo, 2002.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria C. F.; LOPES, Ruth E. V. **Novo Manual de Sintaxe.** 3ª ed. Florianópolis: Insular, 2007.

OTHERO, G. A. **A gramática da frase em português: algumas reflexões para a formalização da estrutura frasal em português / Gabriel de Ávila Othero.** – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

OTHERO, G. A. **Um estudo sobre os sintagmas preposicional e adverbial em português brasileiro.** In: BORBA, V.; CARVALHO, M. L.; LIMA, G. (orgs) *Contribuições para a pesquisa em linguística nas diferentes áreas: partilhando reflexões e resultados.* Maceió: EDUFAL, 2009.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2000.

PERINI, Mário. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

SOUZA e SILVA, M. C. P de; KOCH. **Linguística aplicada ao português: sintaxe**. São Paulo: Cortez, 1987.